

RUA JOAQUIM NABUCO

Decreto nº 4344 de 25-10-1973, Artigo 1º, In-

ciso VII

Formada pela rua 16 do Jardim Garcia - 2a.

gleba

Início na rua Dante Alighieri Vita

Término na rua Albuquerque Lins

Jardim Garcia

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 20.091 de 20-06-1973. Do decreto consta: "Joaquim Nabuco (1849 - 1910) Diplomata e Estadista".

JOAQUIM NABUCO

Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo nasceu em Recife, em 19-agosto-1849 e faleceu em Washington, Estados Unidos, em 17-janeiro-1910. Estudou preparatórios no Colégio Pedro II e fez os três primeiros anos do curso de Direito na Faculdade de São Paulo, concluindo-o em Recife, em 1870. Em 1876, inicia-se na carreira diplomática como adido de legação. Serviu em Washington e depois em Lisboa. Eleito em 1879, deputado geral por sua Província, inicia sua extraordinária campanha em favor da abolição da escravatura. De 1882 a 1884 esteve exilado em Londres, por circunstâncias políticas. De regresso ao Brasil, foi novamente deputado por Pernambuco, dando prosseguimento à sua luta em favor da campanha abolicionista. Proclamada a República, retira-se da vida política, entregando-se quase que exclusivamente ao estudo. Colaborou, então, na "Revista Brasileira" e no "Jornal do Comércio". Campos Sales conseguiu demovê-lo do propósito de não regressar à política, convencendo-o a aceitar o cargo de advogado na questão de limites com a Guiana Inglesa. Após o laudo arbitral, foi nomeado em 1905, embaixador junto ao governo dos Estados Unidos. Presidiu no ano seguinte, a 3a. Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro. Sendo um dos precursores do pan-americanismo, sua orientação na política de amizade aos Estados Unidos foi bem recebida nesse país, que dispensava ao nosso embaixador privilegiada situação. Em 1909, fez, em caráter oficial, uma viagem à Havana, para assistir à restauração do governo nacional de Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington várias convenções de arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba. Grande tribuno, além de escritor, deixou valiosa bagagem literária onde se destacam: "Um Estadista no Império", "Minha Formação", "Balmaceda e a Intervenção Estrangeira", "O Abolicionismo", "Conferências e Discursos Abolicionistas" e outros.



DECRETO N.º 4344, DE 25 DE OUTUBRO DE 1973.

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — MARECHAL HERMES — (1855 - 1923) — Presidente da República no quadriênio 1910 - 1914 —, as ruas 7 e 8 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que têm início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnuovo da Vila Castelo Branco.

II — PADRE MANOEL DA NÓBREGA — (1517 - 1570) — Jesuíta e missionário do Brasil no século XVI —, a avenida 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início na rua 11 e término à rua 20 do mesmo arruamento.

III — BORBA GATO — Bandeirante paulista do século XVII —, a rua 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 17 e término à rua 11 do mesmo arruamento.

IV — MANOEL PRETO — Bandeirante Paulista do século XVII —, a rua 2 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à avenida 1 e término à rua 12 do mesmo arruamento.

V — RAPOSO TAVARES — Bandeirante Paulista do século XVIII —, a rua 4 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 14 e término à rua 17 do mesmo arruamento.

VI — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES — (1837 - 1898) — Militar, geógrafo e presidente da província de São Paulo —, a rua 14 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 3 e término à rua 5 do mesmo arruamento.

VII — JOAQUIM NABUCO — (1849 - 1910) — Diplomata e estadista —, a rua 16 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua Dante Alighieri Vita e término à rua Albuquerque Lins do mesmo arruamento.

VIII — CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO — (1835 - 1919) — Alfredo Garcia de Oliveira, estadista e político, presidente da província de São Paulo —, a rua 1 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnuovo da Vila Castelo Branco.

IX — SENADOR VERGUEIRO — (1778 - 1859) — Político e estadista do Império; pioneiro do trabalho livre —, a rua 2 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término na divisa com a gleba da "Rhodia Indústrias Químicas Textéis S/A."



X — ALMEIDA JÚNIOR — (1850 - 1899) — Pintor paulista renomado —, a rua 22 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XI — EDUARDO CARLOS PERLIRA — (1855 - 1923) — Grande gramático e antigo professor do Ginásio do Estado —, a rua 23 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XII — ANHEMBI — Topônimo de significação histórica —, a rua 24 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIII — IGUATEMI — Topônimo de significado histórico —, a rua 25 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIV — PALMARES — Topônimo de significação histórica —, a rua 26 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XV — 5 DE FEVEREIRO — Data da elevação de Campinas à cidade em 1842 —, a rua 27 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XVI — 25 DE MARÇO — Data da Constituição do Império do Brasil, 1824 —, a rua 30 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

XVII — 24 DE FEVEREIRO — Data da primeira Constituição Republicana, 1891 —, a rua 31 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 DE OUTUBRO DE 1973.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
PREFEITO DE CAMPINAS

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 20.091, de 20 de junho de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de outubro de 1973.

JOSÉ ROBERTO COPPI CUNHA
CHEFE DO GABINETE

17-1-59



1910 — Morre repentinamente em Washington, Estados Unidos da America do Norte, quando ali exercia as funções de embaixador do Brasil, Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, ao lado do grande poeta Castro Alves, e concluiu o curso na Faculdade de Recife. Membro do Parlamento, produziu memoraveis discursos em favor da abolição da escravatura no Brasil. Proclamada a Republica, durante dez anos ficou retirado da vida publica, escrevendo a biografia de seu progenitor conselheiro Nabuco de Araujo. Depois, foi nomeado representante do Brasil na demarcação de limites com a Guiana Inglesa, tendo sido o seu laudo classificado por Rui "de raro e notavel como obra geografica, histórica e literaria". E' verdade que o rei da Italia julgou a questão a favor da Inglaterra, o que causou a Nabuco tão grande desgosto, que dizia: "vai ser a causa da minha morte". Nomeado embaixador do Brasil em Londres e depois nos Estados Unidos, Joaquim Nabuco atuou com extraordinario valor em favor do pan-americanismo. Teodoro Roosevelt, presidente, e Elihu Koot, secretario de Estado dos Estados Unidos, dispensavam-lhe tantas atenções que Nabuco influiu poderosamente até na solução de casos de outros países da America. Intelectual, revelava-se escritor seguro do seu pensamento e possuidor de um estilo claro, elegante e individual. Seus livros: "Um Estadista do Império", "Camões e os Lusíadas", "Balmaceda e a Guerra Civil no Chile", "Minha Formação" e outros, são exaltados pela critica e Ronald de Carvalho faz-lhe esta apreciação: — "A história, nas suas mãos, era uma arte fina e delicada, comovida e brilhante, onde as idéias e o estilo corriam de par com o mesmo fulgor e o mesmo encantamento persuasivo. Há paginas suas que lembram Michelet pela magia das imagens, pela vibração do pensamento, pela rapidez da visão, e, especialmente, pela força sugestiva da sua eloquencia espontanea e transfiguradora".



Joaquim Nabuco

NO dia 17 de janeiro de 1910, falecia em Washington o diplomata Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, nascido no Recife a 19 de agosto de 1849. Estudou preparatorios no Collegio Pedro II e fez os três primeiros anos do curso de Direito na Faculdade de São Paulo, concluindo-o no Recife, em 1870.



Joaquim
Nabuco

Em 1876, inicia-se na carreira diplomatica como adido de legação. Serviu em Washington e depois em Lisboa. Eleito, em 1879, deputado geral por sua provincia, inicia sua extraordinaria campanha em favor da abolição da escravatura. De 1882 a 1884, esteve exilado em Londres, por circunstancias politicas. De regresso ao Brasil, foi novamente deputado por Pernambuco, dando prosseguimento à sua luta em prol da campanha abolicionista. Proclamada a Republica, em 1889, retira-se da vida politica, entregando-se quase que exclusivamente ao estudo. Colaborou, então, na "Revista Brasileira" e no "Jornal do Comercio". Campos Sales conseguiu demovê-lo do proposito de não regressar à politica, convencendo-o aceitar o cargo de advogado na questão de limites com a Guiana Inglesa. Após o laudo arbitral, foi nomeado em 1905 embaixador junto ao governo dos Estados Unidos. Presidiu no ano seguinte, à Terceira Conferencia Pan-americana, realizada no Rio de Janeiro. Sendo um dos precusores do pan-americanismo, sua orientação na politica de amizade aos Estados Unidos foi bem recebida nesse pais, que dispensava ao nosso embaixador uma situação privilegiada. Em 1909, fez, em carater oficial, uma viagem a Havana, para assistir à restauração do governo nacional de Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington varias convenções de arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba. Grande tribuno, alem de escritor, deixou valiosa bagagem literaria onde se destacam "Um Estadista no Imperio", "Minha Formação", "Balmaceda e a Intervenção Estrangeira", "O Abolicionismo", "Conferencias e Discursos Abolicionistas" e outros.

RUA JOAQUIM NABUCO

(1849 - 1910)

Decreto nº 4344 de 25-10-1973

Artigo 1º - ítem VII

Diplomata, parlamentar e tribuno do abolicionismo: Joaquim Nabuco

JOAQUIM Aurelio Barreto Nabuco de Araújo, que, ao lado de Castro Alves na poesia, José Bento na atuação fraternal e eficiente, José do Patrocínio (Zé do Pato) no jornalismo, além de outros, foi na oratória a grande força propulsora que removeu os maiores obstáculos para o êxito da causa abolicionista, nasceu no Recife no dia 19 de agosto de 1849, há exatamente 122 anos.

Quarto filho de José Tomás Nabuco de Araújo e de da. Ana Benigna de Sá Barreto, era descendente de ilustres varões e figuras de destaque da nossa história. Batizado a 2 de dezembro do mesmo ano, foi-lhe dado o nome do santo do dia de seu nascimento, como era de uso e tradição. Após o batizado, partiam os pais de Joaquim Nabuco para a corte, onde o conselheiro ia tomar assento na Câmara. O pequeno permaneceu na solarenga propriedade de Massangana, por recelo da viagem ou por desejo de seus padrinhos, Joaquim Aurelio Pereira de Carvalho e sua mulher, da. Ana Rosa, com os quais passou longo tempo de sua infância, até a morte da madrinha, em 1857.

Abolicionista

precoce

As idéias abolicionistas de Joaquim Nabuco tiveram suas primeiras manifestações, ainda latentes e mal delineadas, na meninice descuidada, quando ele, insurgindo-se temerosamente, intercedia em favor de algum escravo na iminência de ser castigado. «E das obras de misericórdia castigar os que erram — dizia a madrinha — mas o menino não quer!» E, no entanto, mandara construir para o afilhado uma escola, onde os filhos de escravos eram seus alunos e na qual lecionava também um mestre especialmente vindo de Recife. Nunca mais olvidou Nabuco essa modesta escolinha, assim como a missa a que servia na capela de São Mateus e os seus banhos no rio Ipojuca.

Marcou sobretudo para ele esse capítulo de sua vida a figura afilhada e desesperada de um escravo que, fugindo das ameaças de seu senhor, atirou-se a seus pés, implorando misericórdia. Esse episódio, que terminou com a compra do escravo, como presente de da. Ana, revelou-lhe aos olhos espantados de adolescente toda a trágica realidade da escravidão. O mesmo sentimento de repulsa ao

cativo, cuja necessidade era ferrenhamente defendida pela aristocracia açucareira, o levaria, mais tarde, em Pernambuco, a advogar a causa de um negro que havia morto o senhor, com um tiro à queima-roupa, depois de ser açoitado em praça pública. Depois fugira, assassinando o guarda, pondo em polvorosa um quarteirão inteiro do Recife, quando, empoleirado sobre os telhados, resistiu à prisão por mais de vinte e quatro horas. Nabuco conseguiu-lhe a comutação da pena de morte para prisão perpetua.

A luta

antiescravagista

Bafejado pela elegância e finura do porte fidalgo, Nabuco, além de arguto diplomata e político, destacou-se principalmente pela eloquência de seus discursos, que marcaram época no Parlamento. Sua convicção de abolicionista comovia mesmo os mais empedernidos defensores do regime nefando. Chegava ao fim o ano de 1857 e a causa antiescravagista atingia o auge, aproximando-se da vitória final. A 1.º de outubro, Joaquim Nabuco, pronunciando seu último discurso perante as Câmaras, afirmava que, se o Ministério escravocrata tentasse suprimir o movimento, este seria capaz de destruir a própria monarquia.

Quando já parecia mais certa a consumação do abolicionismo no Brasil, ninguém ainda poderia prever que a lei fosse promulgada tão rápida e definitivamente. A encíclica do papa Leão XII, obtida de modo decisivo graças à audiência concebida por sua santidade a Nabuco, e os sentimentos profundamente católicos da princesa Isabel, a enfermidade do imperador, que partira para o Velho Mundo à procura de melhora para a sua saúde, tudo isso se conjugou, não obstante a feroz oposição do governo Cotegipe, para a sanção no dia 13 de maio, um domingo, da lei que consagraria a regente perante a história como Isabel, a Redentora. — CALIXTO GARCIA.



(Extraído da "Folha da Manhã", S. Paulo, de 19-08-1971)